

A SALVAÇÃO NO ANTIGO TESTAMENTO: FÉ, E NADA ALÉM DELA, É QUE TORNA A MESMA UMA REALIDADE!

**SALVATION IN THE OLD TESTAMENT: FAITH, AND NOTHING BEYOND,
IS WHAT MAKES IT A REALITY!**

Josemar Valdir Modes¹

RESUMO

O presente estudo analisa a salvação no contexto do Antigo Testamento. O plano salvífico não se constitui de um remendo no plano de Deus para a humanidade, mas é o plano traçado desde a eternidade. A compreensão da manifestação e dos conceitos da salvação; o amor, justiça e expansão do Reino como as motivações de Deus em salvar e os agentes e meios envolvidos no processo de salvação na dimensão da Antiga Aliança são cruciais para a compreensão da salvação manifesta na Nova Aliança.

Palavras-chaves: Salvação. Fé. Sacrifícios.

ABSTRACT

The present study analyzes salvation in the Old Testament context. The salvific plan is not a patch on God's plan for humanity, but it is traced from eternity. The understanding of the manifestation and concepts of salvation, such as love, justice, Kingdom expansion, His motivations to save, as well as the agents and resources

¹O autor é formado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. Possui especialização na área de Liderança e Gestão de Pessoas pela Faculdade Teológica Batista do Paraná e mestrado (livre) na área de Missão Integral da Igreja pelo Seminário Teológico Batista Independente. É mestrando em Teologia Pastoral pela Faculdade Teológica Batista do Paraná. Trabalha como pastor na Igreja Batista Emanuel e como Coordenador de Graduação na Faculdade Batista Pioneira. E-mail: dingho@batistapioneira.edu.br

involved in the salvation process of the Old Covenant - these are all crucial to the understanding of salvation as seen in the New Covenant.

Keywords: Salvation. Faith. Sacrifice.

INTRODUÇÃO

A Bíblia é um manual para todas as horas, momentos e situações. Tem uma vasta gama de assuntos relacionados a Deus e ao ser humano, mas não se pode negar o fato de que um de seus principais assuntos é a salvação do ser humano. Em toda a Escritura percebe-se Deus agindo, trabalhando para dar ao ser humano caído a chance de novamente se reconciliar com o Criador.

A salvação é um assunto que antecede até mesmo a criação do ser humano. Deus já havia planejado tudo. O plano já estava traçado. Logo na queda do homem percebe-se esta providência divina e já se consegue notar o ápice do plano de Deus: salvar a humanidade por meio do sacrifício de Seu Filho Jesus Cristo.

O Antigo Testamento está cheio de referências que tratam sobre o tema “salvação”. Mas será que as pessoas que viveram nesta época conseguiam entender a salvação como ela é compreendida na atualidade? Se não entendiam e se a salvação representava algo diferente para eles, pode-se concluir que o tema “salvação” no Antigo Testamento não fez e não faz diferença nenhuma à vida dos leitores da época de Jesus e aos da atualidade?

Essas são algumas dúvidas que precisam ser esclarecidas, principalmente pelo fato de o Novo Testamento ser a continuação do Antigo Testamento. Nesta forma de pensar, o que aconteceu lá na antiguidade precisa ter alguma relação com o que aconteceu na época de Jesus. O que aconteceu no passado antigo precisa explicar o que ocorreu no passado recente.

Destaca-se de antemão que a grande quantidade de textos que falam sobre a salvação em toda a Bíblia sobressalta o grande amor de Deus para com o ser humano criado. Uma definição prévia de salvação evidencia este fato. A salvação é:

- 1) Ato pelo qual Deus livra a pessoa de situações de perigo (Is 26.1), opressão (Lm 3.26; Ml 4.2), sofrimento (2Co 1.6), etc.
- 2) Ato e processo pelo qual Deus livra a pessoa da culpa e do poder do pecado e a introduz numa vida nova, cheia de bênçãos espirituais, por meio de Cristo Jesus (Lc 19.9-10; Ef 1.3,13). A salvação deve ser desenvolvida pelo crente (Fp 2.12), até que seja completada no fim dos tempos (Rm 13.11; 1Pe 1.5; 2.2).²

²ILÚMINA Gold. São Paulo: SBB, 2003. 4 CDs-ROM.

A salvação é um presente de Deus ao seu povo, que o recebe não por merecimento, mas pela graça de Deus mediante a fé!

I. CONCEITO DE SALVAÇÃO

I.1 Conceitos gerais

A ideia básica de salvação na Bíblia é de *livramento* ou *libertação* de alguma coisa. No Antigo Testamento, a salvação de Deus era o livramento de uma doença, da morte, do cativo do inimigo, e o escapar de toda a espécie de males. Tinha mais sentido de livramento das coisas desta vida e do mundo temporal e visível do que sentido espiritual.³

Desta forma pode-se afirmar que quando o Antigo Testamento fala sobre salvação, refere-se a um termo que “abrange todas as qualidades de socorro que os israelitas recebem do seu Deus”. Destaca-se que qualquer líder que pudesse de alguma forma libertar o povo de alguma ameaça estrangeira era designado “**salvador do seu povo**”. Ao mesmo tempo, a Bíblia deixa sempre claro que era Deus agindo por meio deste salvador, sendo desta forma o próprio Deus o verdadeiro salvador.⁴

O Antigo Testamento... tem em vista uma sucessão de atos salvadores que reclamam por expressões verbais ou ativas. Salvar é ‘arrancar’ (*natzal*) de perigo mortal, resultando daí a recuperação da vida normal enriquecida, agora, pela experiência da salvação e da união com o salvador divino.⁵

Há várias referências bíblicas nas quais Deus é colocado como o salvador do povo. “A salvação pertence ao Senhor” (Sl 3.8) é um exemplo destas referências, o que reforça a ideia de que o grande salvador é Deus, que age por meio dos seus agentes escolhidos para libertar o Seu povo.⁶

O pacto, concerto, ou a aliança estabelecida entre Deus e seu povo tem grande influência na ideia de salvação. Neste pacto, Deus estabelece as regras, e cabe a Israel aceitar ou rejeitar o que Deus propôs. No momento em que o povo aceita a aliança, Deus se compromete a abençoar o seu povo, e nesta bênção está incluída a sua salvação.⁷

³SEVERA, Zacarias de Aguiar. *Manual de teologia sistemática*. Curitiba: A. D. Santos, 1999. p. 269-270.

⁴CRABTREE, A. R. *Teologia do Velho Testamento*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1960. p. 182-185.

⁵WERTERMANN, Claus. *Fundamentos da teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Academia Cristã, 1987. p. 40.

⁶SMITH, Ralph L. *Teologia do Antigo Testamento: história, método e mensagem*. Trad. Hans Udo Fuchs; Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2001. p. 159.

⁷CRABTREE, 1960, p. 182-185.

A eleição, ou então a chamada do povo de Israel, é também fator fundamental no que diz respeito à salvação. Por meio da eleição, Deus conclama o povo de Israel a ser Sua possessão, Seu reino, e por isso deveria seguir o padrão de vida estabelecido por seu Rei (Deus) e como consequência deste ato receberia a salvação.⁸

O conceito que Israel tem de salvação foi enraizado em Êxodo - quando Deus libertou o seu povo do Egito e os guiou à terra prometida. Em Êxodo, Israel testemunhou a salvação do Senhor em primeira mão. Poetas e profetas frequentemente falavam da salvação de Deus em relação à experiência em Êxodo. Outros eventos históricos ajudaram a moldar o entendimento de Israel sobre salvação.

Quando os Israelitas clamaram a Deus, eles esperavam e acreditavam que Deus os salvaria (Salmos 35:9; 65:5). Isso foi um ato de fé e abriu espaço para o ensinamento do Novo Testamento de aceitar a obra de Cristo na cruz pela fé (Efésios 2:8-9). Nós nunca merecemos o favor de Deus, a salvação é o seu presente para nós.⁹

Embora a salvação com frequência apareça ali apenas como algo no tempo, como da ira de algum inimigo... há passagens, como Isa. 45:17, Dan. 7:13ss. e Isa. 53, que entram no nível espiritual da salvação. Mas, a salvação, nas páginas do Antigo Testamento, jamais tomou alguns aspectos revelados no Novo Testamento, especialmente no tocante à plenitude da filiação.¹⁰

Um aspecto interessante observado ao se analisar o Antigo Testamento é que os atos salvadores de Deus implicam um processo: “necessidade, clamor por ajuda, declaração de que foram ouvidos, livramento divino e reação dos salvos”. Esta estrutura pode ser observada de forma especial nos livros de Êxodo e Juízes.

Este processo indica que “a salvação deve estar ligada a uma necessidade consciente. Sem uma necessidade, não haveria salvação. Para ser salvo, é preciso reconhecer o desespero pessoal e clamar a Deus. Deus ouve os clamores dos necessitados e os livra”.¹¹

O processo de salvação inicia-se com uma real compreensão de quem Deus é e de quem o ser humano é. O grande problema do ser humano é que ele tem uma visão muito inferior sobre Deus e muito superior sobre a humanidade. O profeta Isaías faz essa descoberta dolorosa quando tem seu encontro com Deus (Is 6.5). Quando o homem realmente descobre a Deus, sua autoimagem fica abalada e o ego fica reduzido

⁸ WERTERMANN, 1987, p. 36-37

⁹ ILÚMINA, 2003, CD-ROM.

¹⁰ CHAMPLIN, Russel Norman. *O Antigo Testamento interpretado*. 2. ed. São Paulo: Hagnos, 2001. v. 6, p. 54.

¹¹ SMITH, 2001, p. 159.

a pó, o que prepara o homem para aceitar a salvação. Belsazar é outro exemplo vívido desta realidade (Dn 5.5-8).¹²

O Antigo Testamento também oferece recursos suficientes que já de antemão destacam o significado da cruz para a salvação. O texto de Isaías 53 relata claramente o que deveria acontecer com Cristo, indicando desta forma como ocorreria a salvação do homem. Desta forma consegue-se entender que:

a cruz é um assunto que antecede a criação. Ela faz parte dos planos originais e dos decretos eternos de Deus. Ela não é um incidente de percurso. Não se trata de um paliativo¹³ com o fim de reparar um desastre inesperado. Deus não faz improvisações. Ele tem calculado todos os seus atos. A cruz não é imprevidência do Criador, tampouco é um fenômeno humano. A cruz faz parte da prancheta divina, antes que houvesse qualquer iniciativa criadora.¹⁴

Logo nos primeiros capítulos de Gênesis, após a queda do homem, os dois (homem e mulher) tentam se esconder do Criador, confeccionando roupas com folhas. Mas aí entra a providência divina: Deus usa a pele de animais para cobrir o ser humano. É como se a morte daqueles animais servisse pelo pagamento do pecado cometido.

A partir daquele momento, em toda a história da Bíblia, percebe-se a utilização de sacrifícios para se obter a justificação de Deus pelos pecados cometidos. Consegue-se, portanto, ter evidências claras que apontam para a cruz e compreender que já os primeiros habitantes do planeta Terra tinham consciência de que a salvação só é possível mediante um pagamento, que tem preço de sangue, o qual outro entrega em resgate da pessoa. Estes atos não apenas apontam para a cruz, como também expressam a fé destes pecadores no Deus que traria a salvação.¹⁵

1.2 Termos originais

“Nossa palavra ‘salvação’ vem do latim *salvare*, que significa ‘salvar’, e de *salus*, que significa ‘saúde’ ou ‘ajuda’. A palavra hebraica traduzida em português por ‘salvação’ indica segurança”.¹⁶ No Antigo Testamento, o termo mais usado para se referir à salvação é *yasha*. Este termo denota originalmente algo “amplo” ou “aberto”, “contrastando com

¹² SPROUL, R. C. *Salvo de quê? Compreendendo o significado da salvação*. Trad. Fabiani Medeiros. São Paulo: Vida, 2006. p. 28-34.

¹³ PALIATIVO: que ou o que tem a qualidade de acalmar, de abrandar temporariamente um mal (diz-se de medicamento ou tratamento); que ou que serve para atenuar um mal ou protelar uma crise. In: KOOGAN, André; HOUAISS, Antonio (Edit.). *Enciclopédia e dicionário digital 98*. São Paulo: Estadão, 1998. CD-ROM

¹⁴ PARANAGUÁ, Glenio Fonseca. *Cruz-credo! O credo da cruz*. Londrina: IDE, 2002. p. 22.

¹⁵ PARANAGUÁ, 2002, p. 29-35.

¹⁶ CHAMPLIN, 2001, v. 6, p. 54.

o estreitamento e a opressão”. Desta forma, o termo representa a libertação de algo que amarra, restringe.

Destaca-se que a fé era condição fundamental para a salvação no Antigo Testamento, da mesma forma como é na atualidade. Um exemplo disso é Abraão, que “creu no Senhor, e ‘isso lhe foi imputado para justiça’ (Gn 15.6)”. A aliança estabelecida por Deus com o seu povo também era baseada na fé, e esta, garantia ao povo a salvação.¹⁷

O termo *yasha* e seus derivados aparece cerca de 353 vezes no Antigo Testamento. O próprio termo também se refere a um livramento que vem de fora, de algum ponto externo ao da parte atingida.¹⁸

1.3 Referências bíblicas

Em várias ocasiões Deus livrou o seu povo de opressões exercidas por outros povos. O ponto central da salvação no Antigo Testamento foi o livramento de Israel da escravidão egípcia (Êx 14.30).¹⁹ O texto deixa claro a intervenção direta de Deus. Ele se opôs veementemente ao exército egípcio, que em meio ao Mar tem clara noção deste fato, e por isso resolve recuar. Houve um milagre neste momento. O que aconteceu não foi algo natural, mas Deus, estando presente no local, intervém de forma poderosa e repentina, e todo o povo é salvo dos seus inimigos.²⁰

Os feitos poderosos do Senhor tornaram Israel conhecido como o povo salvo por Deus (Dt 33.29).²¹ Esta realidade deveria ser encarada pelo povo como um enorme motivo de alegria. Percebe-se claramente que um dos resultados da salvação é a alegria expressa pela pessoa ou pela nação.²²

Mais tarde, quando o povo estava para entrar na Terra Prometida, Deus novamente lhe promete a sua salvação (Dt 20.4), promessa essa que é plenamente cumprida por Deus.²³ Mas Deus requer do seu povo a confiança, a fé, requisito essencial para que a nação recebesse do Senhor a salvação tão esperada. Quando a nação não confiou em Deus, negligenciou a Sua salvação e pereceu no deserto.²⁴

¹⁷ RYRIE, Charles Caldwell. *Teologia básica ao alcance de todos*. Trad. Jarbas Aragão. São Paulo: Mundo Cristão, 2004. p. 323.

¹⁸ HARRIS, R. Laird; ARCHER, Gleason L. Jr.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. Trad. Márcio Loureiro Redondo; Luiz A. T. Sayão; Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 680.

¹⁹ HARRIS, 1998, p. 680.

²⁰ CHAMPLIN, 2001, v. 1, p. 364.

²¹ HARRIS, 1998, p. 680.

²² CHAMPLIN, 2001, v. 2, p. 889.

²³ HARRIS, 1998, p. 680.

²⁴ CHAMPLIN, 2001, v. 2, p. 831.

Quando o povo estava habitando a terra e algum inimigo se aproximava, Deus levantava um juiz (um salvador), que era instrumento para a libertação do povo (Jz 2.16).²⁵ A graça de Deus é manifesta a cada novo juiz levantado por Deus. O povo não merecia a sua salvação, mas Deus a concedia. Os juízes nada mais eram do que instrumentos, mediadores da salvação que Deus queria dar ao seu povo.²⁶

Também na época do império pode-se ver Deus salvando o seu povo (1Sm 9.16; Sl 20.6-7).²⁷ A escolha dos reis cabia ao Senhor. Estes funcionavam como os juízes, ou seja, eram mediadores dos propósitos de Deus. Esses homens eram também um presente de Deus para o povo.²⁸ Ao mesmo tempo, cabia a eles expressarem a sua plena confiança em Deus, pois “Ele daria ao rei... a sabedoria e o poder de que necessitava. Ele também interviria diretamente na batalha, se necessário fosse”. Com a fé necessária, nada poderia impedir o povo de Deus de receber dEle a salvação esperada, nem o mais forte armamento, pois o rei contava com o auxílio da mão de Deus.²⁹

O Antigo Testamento também revela o lado passivo desta salvação, ou seja, ela não é apenas um ataque, mas também uma forma de defesa. Com base nesta perspectiva, diversos autores relataram sobre a sua confiança em Deus (Sl 62.7-8; 18.35-36; Is 59.17; 61.10). O fato de estarem seguros representava a nítida e ativa salvação de Deus.³⁰

1.4 Visão javista³¹ da salvação

O escritor javista via a história de Israel como uma pré-história da salvação que deveria alcançar toda a humanidade (Gn 12.1-3). Por meio de Israel Deus iria estender a sua salvação ao mundo inteiro.

²⁵ HARRIS, 1998, p. 680.

²⁶ CHAMPLIN, 2001, v. 2, p. 1004.

²⁷ HARRIS, 1998, p. 680.

²⁸ CHAMPLIN, 2001, v. 2, p. 1155.

²⁹ CHAMPLIN, 2001, v. 4, p. 2111.

³⁰ HARRIS, 1998, p. 680.

³¹ JAVISTA é uma das tradições que compõe o Pentateuco, sendo as três demais: a Eloísta, a Sacerdotal e a Deuteronomica. A tradição Javista, designada pela letra J, é assim chamada porque desde o começo dá a Deus o nome de Iahweh. Ela se originou provavelmente no tempo de Salomão, em torno de 950 a.C., nos meios reais de Jerusalém. O rei ocupa nela um lugar de proeminência; é ele que faz a unidade da fé. Ainda não se tem uma unanimidade quanto aos limites do documento Javista, mas pode-se supor, com numerosos estudiosos, que ele comece em Gn 2.4b e termine com a narração de Balaão em Nm 22, incluindo a narração da falta de Israel em Baal-Fegor (Nm 25.1-5). As narrativas da tradição Javista caracterizam-se por um vigoroso estilo de conto popular e uma pitoresca descrição de personagens. Para o Javista, Deus envolve-se ativamente na história da humanidade e, em especial, na de Israel. O Javista começa a narrativa com a criação (Gn 2.4b-31), apresentando a história da humanidade como o pano de fundo contra o qual o Senhor chama Abraão e lhe faz uma promessa que só o Êxodo e a conquista de Canaã realizam plenamente. O tema da promessa e concretização predomina na apresentação javista da história patriarcal. RENDTORFF, Rolf. *A formação do Antigo Testamento*. Trad. Bertholdo Weber. 6. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1998, p. 13-17.

Para ele a história da salvação se inicia na criação da humanidade, e ele observa isso ao analisar a história. Ao ser criado, o homem tinha a certeza da sua salvação. Devido à sua desobediência, perdeu-a. Mas aí, por meio da escolha de Abraão, Deus novamente inicia um plano que permitirá a possibilidade da salvação à humanidade. A obediência de Abraão fez com que este simples homem se tornasse pai de uma grande nação, a qual herda do Senhor a Terra Prometida. Canaã passa a representar um segundo jardim do Éden. Participar desta nação e habitar nesta terra representava a garantia da salvação de Deus.

O javista também deixa claro que tudo o que o povo recebeu de Deus vem da Sua graça. Inúmeros deslizes relatados pela história mostram que o povo deveria receber o castigo de Deus. Mas Deus, em Sua graça, sempre recebeu o povo de volta, isso quando novamente se submetia a seguir as Suas ordens em obediência.³²

2. A MOTIVAÇÃO DE DEUS EM SALVAR

O Antigo Testamento apresenta o Deus Salvador, “que reage diante das dificuldades experimentadas por suas criaturas”. Essa realidade é evidente em toda a história de Israel, de forma especial na saída do Egito. Quando o homem é salvo, é porque ele teve um encontro com esse Deus salvador.

A ação salvadora de Deus já mostra claros sinais de que quer alcançar a humanidade inteira. O próprio dilúvio anuncia isso: enquanto por um lado Deus exterminou todas as criaturas, de outro lado, ao prometer que a humanidade nunca mais experimentará um mal como este, Deus está salvando das águas todo o resto.³³

Os atos salvíficos de Deus são vistos no Antigo Testamento como um milagre, ou seja, algo que vai além do habitual, do comum. Este fato sempre provoca no povo a admiração e a alegria (Sl 118.23; 77).

Estes atos salvíficos também revelam a proximidade de Deus ao Seu povo (Jz 5.4-5). É Deus presente no meio do povo, proporcionando a sua salvação. Ao mesmo tempo, quando o povo passava por dificuldades, tinha uma nítida noção do afastamento de Deus. Sentiam-se sozinhos.³⁴

Em momento algum da história Deus se viu obrigado a salvar e perdoar o ser humano. Mas assim o fez baseado na Sua própria natureza. Desde a queda do homem

³²SCHREINER, Josef. *Palavra e mensagem do Antigo Testamento*. Trad. Benôni Lemos. 2. ed. São Paulo: Teológica, 2004. p. 131-152.

³³WERTERMANN, 1987, p. 31-36.

³⁴WERTERMANN, 1987, p. 48-53.

pode-se ver Deus atuando em benefício da salvação do ser humano, oferecendo-lhe uma nova chance de reconciliação, e isso movido por diversos fatores, dentre os quais se destaca:

2.1 Seu imenso amor

“O motivo do perdão sempre se acha no Senhor: no seu amor eletivo (**‘ahaba**), e no seu amor imutável (**hesed**)”.³⁵ A expressão do Seu amor é por meio do fato de Deus se importar com o seu povo, e não no merecimento do mesmo, o que constitui o conceito de graça, e é literalmente expresso em Deuteronômio 7.7-8:³⁶

O Senhor não se afeiçoou a vocês nem os escolheu por serem mais numerosos do que os outros povos, pois vocês eram o menor de todos os povos. Mas foi porque o Senhor os amou e por causa do juramento que fez aos seus antepassados. Por isso ele os tirou com mão poderosa e os redimiu da terra da escravidão, do poder do faraó, rei do Egito.³⁷

2.2 Sua imutável justiça

Todos os feitos salvadores de Yahweh fundamentam-se na justiça, refletidos no fato de que ‘justiça’ e ‘salvação’ são muitas vezes paralelos (e.g., Is 51.8). Embora cada ato de livramento contenha um elemento de juízo, aqueles que são julgados são culpados e, por isso, merecem essa justiça. (cf. Sl 76.8 s. [9 s.]). De outro lado, sendo fiel à aliança e à criação do homem à sua própria imagem, Deus age de modo a proporcionar ao homem um meio para livrar-se de sua desobediência original. Nesse aspecto Deus cumpre sua responsabilidade de Redentor ao ser um Salvador.³⁸

2.3 Seu propósito de expandir o Seu reinado

Quando Deus salva o seu povo, ele revela às demais nações que só Ele tem todo o poder e que só Ele é digno de toda a adoração, visto que só um Deus que é capaz de salvar é que é digno de ser adorado. E para demonstrar que Seus atos salvíficos não são apenas um acidente na história, Deus os revela antecipadamente (Is 43.12).

Ao mesmo tempo em que as outras nações veem o poder de Deus, elas percebem

³⁵ CRABTREE, 1960, p. 193-195.

³⁶ HARRIS, 1998, p. 682.

³⁷ SOCIEDADE BÍBLICA INTERNACIONAL. *Bíblia sagrada*: Nova Versão Internacional. São Paulo: Geográfica, 2000. p. 140.

³⁸ HARRIS, 1998, p. 682.

também o Seu cuidado para com o povo, demonstrando que os seus falsos deuses não alimentam a mínima consideração por aquela nação.

Como se não bastasse, ao salvar o seu povo Deus revela que está no meio dele, ou seja, é um Deus presente, ativo, que não está restrito a lugares. Essas marcas eram e são visíveis, servindo de testemunho para os demais povos que não acreditavam em Deus. Quando Deus salva o seu povo, os demais povos sentem-se atraídos a Sua presença.³⁹

3. O SISTEMA SACRIFICIAL DE ISRAEL

Deus já tinha em mente que Israel não iria permanecer fiel ao pacto com Ele firmado. Este pacto era a garantia de salvação do povo. Para que o povo permanecesse na graça de Deus, Ele instituiu um sistema de sacrifícios, que nada mais era do que um ritual “para tratar de pecados cometidos dentro do concerto”. Os sacrifícios eram um símbolo de arrependimento expresso pelo pecador. Há neles uma íntima ligação entre o sistema sacrificial de Israel e a salvação do povo que seria providenciada por Deus.⁴⁰ O que precisa ser ressaltado é que o sistema sacrificial do Velho Testamento não tirava o pecado, como claramente ensina Hebreus 9.1-10; 10.4, mas apontava para o dia em que o Filho de Deus verteria Seu sangue pela pecaminosa raça humana. Compreender os sacrifícios ajuda a compreender o conceito de salvação na Antiga Aliança.

3.1 O significado dos sacrifícios

“Sacrifício era um ato de culto em que alguém oferecia a Deus um animal para conseguir perdão de seus pecados ou para comemorar e conservar suas boas relações com Deus”. Os sacrifícios envolviam um ritual característico e simbólico, importante no que se refere à salvação: a pessoa que levava o animal para ser sacrificado, colocava sobre a cabeça deste a sua mão, em sinal, o que representava uma transferência dos pecados. A partir daquele momento o animal carregava sobre si os pecados da pessoa. Quando morria cumpria a pena imposta ao homem: o pecado gera a morte! Este é um ato de fé, que sem ela perde o seu real significado.⁴¹

Este ato simbólico fazia o pecador perceber o horror do seu pecado. Compreende-se melhor este fato quando se analisa o sistema agropastoril comum entre os hebreus. Geralmente o número de animais que um pastor possuía não era tão grande ao ponto

³⁹ HARRIS, 1998, p. 682-683.

⁴⁰ CRABTREE, 1960, p. 193-195.

⁴¹ REYNOLDS, Gary. *Teologia do Velho Testamento*. São Paulo: Instituto Teológico Batista, 1972. p. 130-146.

do dono não ter algum vínculo pessoal com a sua criação. Para o sacrifício a pessoa deveria oferecer *o melhor animal* que havia criado. Isso implicava *um preço* (cuidado) e *um valor sentimental* (apego). Ele conhecia aquele animal pelo nome. Então, quando a pessoa ia oferecer o sacrifício, sentia o peso de seus pecados: aquele animal custou algo e era completamente inocente. Isso gerava um coração quebrantado. Aqui se consegue compreender também a veemência de Jesus ao expulsar os mercadores do Templo. O comércio que estavam exercendo não era ilegal, pois era autorizado pelos Fariseus e autoridades, e, portanto, não se tratava de um roubo material, mas de um roubo *espiritual*. Estavam roubando era esta preparação para o culto. O cultuador, ao comprar um animal na hora, não tinha a mínima noção do que estava fazendo: oferecia um animal completamente desconhecido, e geralmente deficiente (Mt 1.6-8).

Os sacrifícios do Velho Testamento proviam, contudo, muito mais do que apenas uma sensação de perdão. Aqueles sacrifícios também proviam a instrução de que o povo de Deus necessitava vitalmente, para que ele entendesse a solução real quando seu tempo chegasse e as implicações desta solução (Isaías 53.5-7).

A questão da eficácia dos sacrifícios mosaicos tem sido por longo tempo discutida. Pode-se destacar alguns efeitos dos mesmos sobre o povo:

1. Os sacrifícios foram meios suficientes e necessários dados por Deus para que Israel mantivesse comunhão com Ele. Sua significância eterna está além de seu próprio escopo, dependendo da provisão maior feita por Deus em Cristo.
2. Os sacrifícios tinham uma natureza dupla, pois operavam tanto em nível pactual nacional quanto em nível individual.
3. Os sacrifícios mosaicos eram válidos em nível pessoal apenas quando motivados por fé em Yahweh como o Perdoador de pecados, numa atitude de obediência a Sua revelação.
4. Os sacrifícios eram limitados em seu alcance e eficácia a atos pecaminosos assim como a culpa por este até a ocasião em que eram oferecidos os sacrifícios. Mas os sacrifícios não tinham qualquer eficácia contra a culpa imputada ou a natureza pecaminosa.
5. Pecados premeditados ou violações deliberadas das estipulações pactuais não podiam ser expiados por sacrifícios regulares, e seu perdão era questão exclusiva da graça divina em resposta ao arrependimento, operando por meio da provisão do Dia da Expição.
6. A eficácia dos sacrifícios era derivativa, sendo confirmada por Deus na base do sacrifício perfeito que viria a ser oferecido na cruz do Calvário.⁴²

⁴² PINTO, Carlos Osvaldo. *Teologia bíblica do Antigo Testamento*. Atibaia: Seminário Bíblico Palavra da Vida, 2000. p. 31.

Às vezes afirma-se que a salvação sob a antiga aliança era adquirida pela realização de obras da lei, enquanto sob a nova aliança, as pessoas são salvas somente pela fé em Cristo. Essa concepção é baseada em grande parte numa compreensão um tanto distorcida dos ensinamentos de Paulo. Um estudo cuidadoso da Torá, bem como do restante do Antigo Testamento, mostra que as pessoas nunca são salvas por seus próprios esforços, mas apenas pela graça de Deus. Todos merecem condenação e morte por haverem pecado. Deus, por sua graça, dispõe-se a aceitar a pessoa na base da fé, provendo o meio de redenção. Paulo compreendia a aliança com Abraão dessa maneira e declarou que ela não foi anulada pela lei de Moisés (Gl 3.6-18). O autor de Hebreus, discutindo os atos de culto do Antigo Testamento, afirmou sucintamente: “porque é impossível que sangue de touros e de bodes remova pecados” (10.4).⁴³

A lei de Moisés dava sim aos israelitas uma solução temporária para o problema do pecado. Deus tinha uma solução para o problema do pecado, que ele anunciou a Abraão, dizendo: “Em tua semente todas as nações da terra serão abençoadas”. Mas o cumprimento desta promessa levaria tempo, e muita preparação seria necessária. Assim, Deus deu aos filhos de Israel a lei de Moisés como solução temporária, que pode ser explicada mediante a seguinte ilustração:

Pode-se fazer uma comparação com o perdão alcançado pelo cumprimento da Lei com o costume moderno de emitir cheques. Ao vender algo para uma pessoa, e esta, como forma de pagamento dá um cheque, o vendedor foi pago? Muitos certamente responderiam sim a esta pergunta. Porém, sabe-se que o pagamento só será efetivo dentro de alguns dias, quando o cheque for compensado pelo banco. Entretanto, ainda assim afirma-se que o preço foi pago no ato do recebimento do cheque. O pagador poderá ainda exigir alguns dias até que o cheque seja depositado. Isso envolverá a confiança do vendedor que subjetivamente poderá afirmar que foi pago, ainda que objetivamente isso não tenha ocorrido. Interessante destacar que tudo depende de quanta fé se tem na pessoa que emitiu o cheque. Esta ilustração, embora grosseira, mostra o que aconteceu quando Deus “perdoou” os pecados de Israel. Objetivamente, legalmente, nenhum perdão real poderia acontecer até que o preço do pecado fosse realmente pago pela morte de Jesus na cruz, até que o pagamento do preço fosse depositado “no banco”. Mas subjetivamente os pecados ficavam como “perdoados”. Uma promessa de perdão de Deus, que não pode mentir, é tão boa como o próprio perdão, mas somente se a pessoa verdadeiramente crê em Deus.

⁴³ LASOR, William; HUBBARD, David; BUSH, Frederic. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2003. p. 105.

3.2 A pessoa e função do sacerdote

“Deus queria que todos os sacerdotes fossem santos”, e por isso atribuiu a eles algumas regras que precisavam ser seguidas:

O homem teria que ser descendente de Arão para ser sacerdote... Ele não poderia ser casado a (*sic*) uma mulher divorciada ou uma ex-prostituta (Levítico 21:7). Se ele tivesse algum tipo de doença ou defeito de nascença, ele não poderia se tornar um sacerdote. Isso incluía cegueira, deficiência física, mutilação, ou ser corcunda ou anão (Levítico 21:16-23). Os princípios para escolher um sacerdote eram parecidos com os princípios para escolher um animal que seria sacrificado. Somente animais (e sacerdotes) que estivessem livres de defeitos ou falhas serviam para o serviço divino.

As tarefas sacerdotais abrangiam diversas funções (Deuteronômio 33.8-10), dentre as quais se destacam a três seguintes:

eram responsáveis, juntamente com o sumo sacerdote, por declarar a vontade de Deus ao povo...; eles tinham que ensinar as ordenanças e as leis de Deus ao povo de Israel (Deuteronômio 33:10); e... eles tinham que ser servos do tabernáculo e participar nos sacrifícios e adorações de Israel.⁴⁴

Percebe-se que sua vida influenciava o povo a ter uma vida santa, separada, sendo eles próprios um tipo da salvação. Além disso, os sacerdotes oficiavam os sacrifícios, meio pelo qual o povo buscava o perdão de Deus para a sua salvação, sendo eles os mediadores deste perdão. Por meio dos sacerdotes Deus abençoava o povo (Nm 6.24-26). Eles eram os mediadores entre Deus e o povo.⁴⁵

Alguns teólogos e comentaristas vão também defender que o sacerdócio é um *tipo de Cristo*.⁴⁶ Fazendo um comparativo entre o sacerdócio de Arão e o de Cristo, chega-se às seguintes conclusões que provam a tipologia, a começar por Arão: ele foi chamado por Deus dentre os homens de Israel; devia ser capaz de conduzir-se dos que erram e dos ignorantes (Hb 5.2); exibia vestes imaculadas; entrava anualmente no Santo dos Santos, não sem sangue; fazia expiação completa oferecendo o sangue de um bode; sacrificava pela nação de Israel e por si mesmo; fazia ofertas anuais, repetidas. Olhando para Jesus percebe-se que: Ele foi chamado por Deus dentre os homens de Israel (Hb 5.4, 10); orou derramando lágrimas por outros e por si (Hb 5.7);

⁴⁴ ILÚMINA, 2003, CD-ROM.

⁴⁵ WERTERMANN, 1987, p. 168-169.

⁴⁶ TIPO é uma realidade especial do Antigo Testamento que, apoiada numa promessa preordenada por Deus, serve como ilustração específica de uma verdade revelada no Novo Testamento.

exibia caráter imaculado; entrou no próprio céu (Hb 9.24); fez expiação definitiva oferecendo o próprio sangue; sacrificou-se pelo mundo inteiro (IJo 2.2), não por si mesmo; apresentou-se como oferta única e eterna (Hb 9.25).⁴⁷ O sacerdócio e a vida do sacerdote foram importantes para a compreensão do povo de Israel acerca da salvação de Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se estudar o Antigo Testamento percebe-se claramente que as pessoas que viviam nesta época ainda não tinham uma compreensão completa do que a salvação de Deus realmente representa para o ser humano. Viam-na muito mais como um livramento de inimigos e perigos do que algo espiritual.

Mas, ao mesmo tempo, percebe-se já no começo da história a existência de princípios concernentes à salvação que estão presentes na atualidade: a necessidade de fé para a salvação; o sacrifício de um inocente em favor do pecador; a visão de que a salvação provém de Deus somente; o reconhecimento da necessidade humana e da pessoa de Deus como parte do processo de salvação, e a obediência a Deus como um dos resultados desta salvação, entre outros, são alguns exemplos que mostram que os alicerces da compreensão do que se sabe hoje já foram lançados há muitos anos atrás.

O destaque que se dá ao papel de Deus na salvação e a Sua motivação são os mesmos na presente época. A forma de agir de Deus também é a mesma: por meio de um sacrifício (o de Jesus na cruz) em favor do ser humano pecador é que Deus salva o seu povo. Jesus Cristo é o grande mediador nesta salvação que Deus estendeu ao ser humano (ITm 2.5; Hb 8.6), cumprindo o papel do Sumo Sacerdote.

Com base nestas conclusões percebe-se a importância que o conceito de salvação do Antigo Testamento teve e tem para a compreensão do mesmo no Novo Testamento. O que aconteceu no passado distante serve para explicar o que ocorreu no passado próximo. Por isso os primeiros cristãos compreenderam rapidamente o significado do sacrifício vicário de Jesus Cristo.

Estas verdades ajudam também na compreensão do fato de que Deus já planejou a salvação do ser humano muito antes da criação, pois em toda a história Deus foi introduzindo conceitos e figuras que ajudariam muito no entendimento do grande momento da salvação proporcionada por Deus: a morte e ressurreição de Seu Filho.

⁴⁷ PINTO, 2000, p. 33.

Em síntese, pode-se afirmar o que o teólogo Hassel afirma sobre o tema salvação no Antigo Testamento:

Em cada etapa do AT Deus mostra-se ativo... a operação de salvação de Deus em favor de Israel vem-se manifestando desde a misericordiosa redenção da escravidão no Egito, passando pelo tempo dos juízes e reis e ganhando novo ímpeto na libertação do exílio na Babilônia. Contudo, a salvação de Deus não se restringe apenas à entidade nacional de Israel, pois nos Salmos o que predomina é a salvação pessoal... Deus salvou Noé do dilúvio. O intento divino de salvação estende-se a todas as nações e a todos os homens ... O 'Eu' divino ressurge no julgamento e na salvação... como autodesvendamento e a revelação do próprio Deus, que conduz e guia os homens na História a um futuro promissor... A fé em Deus conduz a atitudes corretas no presente e à confiança no futuro, uma vez que se confie na expressão do poder de Deus no passado. Os profundos testemunhos do AT atestam a preocupação de Deus com o homem, atestam suas palavras e atos relativos a Israel e às nações, o seu propósito de consertar a brecha entre ele e o homem após a queda, a restauração de sua comunhão e harmonia com o homem e entre o homem e seu semelhante.⁴⁸

REFERÊNCIAS

CHAMPLIN, Russel Norman. **O Antigo Testamento interpretado**. 2. ed. São Paulo: Hagnos, 2001. v. 1, 2 e 6.

CRABTREE, A. R. **Teologia do Velho Testamento**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1960. 307 p.

HARRIS, R. Laird; ARCHER, Gleason L. Jr.; WALTKE, Bruce K. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. Trad. Márcio Loureiro Redondo; Luiz A. T. Sayão; Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998. 1789 p.

HASEL, Gerhard F. **Teologia do Antigo Testamento: questões fundamentais no debate atual**. Trad. Cesar Bueno Vieira. 2. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1992. 121 p.

ILÚMINA Gold. São Paulo: SBB, 2003. 4 CDs-ROM.

⁴⁸ HASEL, Gerhard F. **Teologia do Antigo Testamento: questões fundamentais no debate atual**. Trad. Cesar Bueno Vieira. 2. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1992. p. 74-75.

KOOGAN, André; HOUAISS, Antonio (Edit.). **Enciclopédia e dicionário digital 98**. São Paulo: Estadão, 1998. CD-ROM.

LASOR, William; HUBBARD, David; BUSH, Frederic. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2003.

PARANAGUÁ, Glenio Fonseca. **Cruz-credo! O credo da cruz**. Londrina: IDE, 2002. 192 p.

PINTO, Carlos Osvaldo. **Teologia bíblica do Antigo Testamento**. Atibaia: Seminário Bíblico Palavra da Vida, 2000.

REYNOLDS, Gary. **Teologia do Velho Testamento**. São Paulo: Instituto Teológico Batista, 1972. 195 p.

RYRIE, Charles Caldwell. **Teologia básica ao alcance de todos**. Trad. Jarbas Aragão. São Paulo: Mundo Cristão, 2004. 659 p.

SCHREINER, Josef. **Palavra e mensagem do Antigo Testamento**. Trad. Benôni Lemos. 2. ed. São Paulo: Teológica, 2004. 560 p.

SEVERA, Zacarias de Aguiar. **Manual de teologia sistemática**. Curitiba: A. D. Santos, 1999. 490 p.

SMITH, Ralph L. **Teologia do Antigo Testamento: história, método e mensagem**. Trad. Hans Udo Fuchs; Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2001. 448 p.

SOCIEDADE BÍBLICA INTERNACIONAL. **Bíblia sagrada: Nova Versão Internacional**. São Paulo: Geográfica, 2000. 970 p.

SPROUL, R. C. **Salvo de quê? Compreendendo o significado da salvação**. Trad. Fabiani Medeiros. São Paulo: Vida, 2006. 119 p.

WERTERMANN, Claus. **Fundamentos da teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Academia Cristã, 1987. 279 p.